

AS MARGENS DA IMAGEM DO PATRIMÔNIO

André Jacques Martins Monteiro¹

Resumo: O presente estudo propõe uma reflexão sobre alguns aspectos constitutivos das imagens das cidades relacionadas às narrativas de seu passado. A ideia de imagem aplicada ao referido contexto é concebida como uma construção de sentidos e referências identitárias que conferem particularidades que proporcionam o reconhecimento e a caracterização de um determinado lugar. Os aspectos destacados referem-se à forma como determinadas expressões da violência e as estratégias de controle são apropriadas e significadas na construção destas imagens. Busca-se observar a violência presente na forma de ocupação e constituição de espaços, assim como a utilização da festa como estratégia de controle. Para isso é analisado o caso do município de Vassouras, localizado no Vale do Paraíba fluminense, que tem o seu centro histórico tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Tais análises são realizadas a partir de fontes primárias e estudos relacionados aos períodos de sua fundação no século XIX e ao auge do desenvolvimento da economia cafeeira, utilizando referenciais teóricos propostos por Foucault, Freud e Norbert Elias.

Palavras-Chave: Imagem, Violência, Vassouras-RJ

Introdução

Uma das características amplamente discutidas sobre a atualidade são as múltiplas demandas de reconhecimento, como um fator relacionado às identidades, legitimação e reparação, o qual imbrica esferas subjetivas e sociais que se apoiam em diferentes aspectos do passado. É também pertinente supor que a modernidade tenha proporcionado clivagens no modo de vida, como também na percepção e significação da existência, fazendo com que as lacunas e as compensações decorrentes mobilizassem de maneira mais intensa determinados aspectos que permeiam os laços sociais, como a memória e os referenciais identitários. Tais fatores atuam diretamente nos espaços, atribuindo significados que se refletem naqueles que nele atuam. Em alguns lugares, a imagem que predomina reporta a modernidade, sendo que em outros o imaginário de um passado e da tradição se destacam. Tais aspectos, inerentes aos processos de patrimonialização, estão intrinsecamente relacionados as formas de adequar a significação das experiências coletivas aos ideais de civilização vigentes, como também

¹ Doutorando no Programa de Pós-Graduação em memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO, na linha de pesquisa Memória, Criação e Subjetividade. E-mail: andrejmm@gmail.com

a ordem que se busca estabelecer ou manter, apresentando em sua dinâmica diferentes parcelas de contingências, de aspirações e de disputa de poder.

A imagem não é um simples corte praticado no mundo dos aspectos visíveis. É uma impressão, um rastro, um traço visual do tempo que quis tocar, mas também de outros tempos suplementares – fatalmente anacrônicos, heterogêneos entre eles – que, como arte de memória, não pode aglutinar. (DIDI-HUBERMAN, 2012, p. 205).

Há uma considerável complexidade na imagem de um lugar, aspectos são dados a ver e não ver, construída através das narrativas sobre seu passado que operam dinamicamente fatores de similitude e convergência entre os diferentes integrantes de uma sociedade, como um referencial identitário. Esta imagem, como um espelho que reflete os recortes e perspectivas de um passado, apesar de aparentar relativa unidade, apresenta diferentes instâncias de atuação e é constituída por uma trama composta por diversos fios de memórias. É possível identificar nas experiências que constituíram o passado destes lugares que estão permeadas de diferentes expressões de violência, que muitas vezes se encontram de forma subterrânea ou de maneira naturalizada, mas deixam vestígios materiais e imateriais. Neste sentido, propomos uma breve discussão sobre aspectos aparentemente díspares, relativos a expressões de violência e a imagem do lugar, vinculadas a uma forma de ocupação espaço em um determinado contexto, a fazenda cafeeira no Vale do Paraíba em meados do século XIX e algumas das festas que nela ocorria.

Uma das principais esferas da memória manifesta-se na relação com espaço, onde operam dinâmicas tangíveis e intangíveis das sociedades, dentre as quais é possível destacar a delimitação de territórios e fronteiras, que variam de efetividade e virtualidade de acordo com as sociedades e seus períodos. Em relação ao espaço, a fazenda cafeeira que marcou a ocupação do Vale do Paraíba fluminense no século XIX integra a imagem do município de Vassouras como cidade histórica. Neste contexto, representou mudanças radicais na paisagem local e na implementação de um modo de vida. Nestes espaços convergiram pessoas de diferentes condições sociais, origens e culturas. As festas cumpriram um papel relevante como expressões da diversidade dos modos de vida, como também em relação às dinâmicas do poder e da ordem estabelecida. Através destas duas expressões de memória, a fazenda e a festa, é possível

propor de forma preliminar outras perspectivas sobre o passado, mas também sobre a violência.

A fazenda como uma trama de lugares e espaços

Se os significados do passado são elaborados no presente, isso possibilita uma constante renovação dos enfoques, das percepções e das análises dos vestígios das experiências humanas. Os espaços são um dos suportes onde estão impressos tais vestígios, que por vezes sobrepõem, e por outras distinguem, as formas com que foram significados. Segundo Halbwachs (2006, p. 131), “nosso entorno material leva ao mesmo tempo nossa marca e a dos outros”, possibilitando que o espaço seja representado tão diversamente quanto os grupos a ele relacionados. De acordo com o autor, “o espaço é uma realidade que dura” (p. 131), onde a impermanência das impressões que se registram nos indivíduos se apoiam em seu “meio material” para recuperar o passado, e é nesse espaço que “o pensamento deve se fixar, para que reapareça esta ou aquela categoria de lembranças” (p. 143). Halbwachs destaca um aspecto fundamental do espaço, mas não considera outros espaços, como aqueles que dispõem de outros regimes de duração e ocupação. Esta abordagem reforça a ausência de confrontos no campo da memória na perspectiva do autor, os quais são inerentes à própria diversidade (Gondar, 21).

Em certo sentido, o ato de “marcar” o “entorno material” representa uma forma de ocupação, de construção de uma realidade que dure e que confira um sentido de continuidade e de segurança, de acordo com um determinado modo de vida. São ações que reportam a questões fundamentais da condição humana, relacionando a constituição dos espaços à reprodução da cultura, entendida como “a soma total de realizações e disposições pelas quais a nossa vida se afasta de nossos antepassados animais” e destinadas “a proteção do homem contra a natureza e a regulamentação das relações das relações dos homens entre si.” (Freud, 2011, p. 87). Esta proteção pressupõe uma “violência originária”, que “é fundadora do homem e das criações culturais que compõem o tesouro de produções históricas, constantemente, apropriadas por gerações futuras.” (Farias, 2012, p. 110).

A ocupação do Vale do Paraíba pelas fazendas cafeeiras, como um processo de instauração de espaços, implica violência. Para Certeau (1994, p. 202), o "espaço é o

efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais". O ideal de civilização, que inclui os interesses econômicos, propiciou as justificativas para a desapropriação de terras de antigos colonos, o aldeamento de grupos indígenas e a devastação das florestas nativas (Muniz, 1979). Esta forma de ocupação possibilitou a implantação de uma ordem que, tomando por referência uma definição de Freud (2011, p. 94), "é uma espécie de compulsão à repetição que, uma vez instituída, decide quando, onde e como alguma coisa deve ser feita, de modo que se poupam as dúvidas e hesitações em todos os casos idênticos" e, desta forma, "ela possibilita ao homem o melhor usos do tempo e do espaço enquanto poupa suas forças psíquicas." A implementação de um ordenamento que se inscreve inclusive no comportamento implica a coerção em diferentes níveis daqueles que integram a fazenda cafeeira, através de dinâmicas de privilégios, distinções e castigos que colocam em movimento esta estrutura produtiva.

Há uma trajetória no desenvolvimento das fazendas e sua expansão pela região, transformando um espaço em outro espaço, em unidades produtivas, apropriando-se de um sentido amplo proposto por Foucault, "que engloba desde os fatores econômicos até os regimes de signos e sensibilidades." (Gondar, 2005 p. 32). Desta forma, as primeiras fazendas originaram-se de maneira simples, "quando apenas um punhado de colonos habitava o morro coberto de florestas primitivas e quando os primeiros fazendeiros podiam facilmente enxergar os limites de suas clareiras de milho, feijão e cana, do terraço de barro de sua modesta moradia." (Stein, 1990, p. 27). Para Stein (1990), havia uma condição de isolamento, que influiria significativamente na esfera comportamental, que segundo Antonio Cândido (2001, p. 49) caracterizava-se pela "falta de recursos nas cercanias e a necessidade de autossuficiência originaram a mentalidade característica do interior", que incluía uma condição cultural fechada e a solidariedade entre fazendeiros, colonos e sitiantes. É em relação a este contexto local que Célia Muniz (2005) reforça a perspectiva de Gilberto Freyre, na qual as formações familiares são os principais fatores de desbravamento e colonização no Brasil.

Com o desenvolvimento econômico com a produtividade fundamentada na mão de obra escrava, em torno de 1840 os grandes proprietários da região já esperavam pela proibição do tráfico e os que dispunham de recursos investiram na compra de

escravos, na ampliação da lavoura cafeeira e em melhorias nas fazendas, tais como “moinhos de pilões, tulhas assoalhadas, terreiros calçados de pedras para permitir uma secagem melhor e um café de mais valor.” (Muniz, 2005, p. 39). Na década seguinte “construíram ricas casas, tanto nas fazendas como na cidade e passaram a importar objetos de luxo”, (p. 39) havendo assim uma correspondência e equiparação no desenvolvimento tanto no espaço rural como no urbano local (Muniz, 2005). Desta forma, a “fazenda proporcionava o contato entre todas as classes sociais de Vassouras: os fazendeiros e seus escravos, os atacadistas e varejistas, advogados, médicos e os pobres livres.” (Stein, 1990, p. 151).

No próprio espaço da fazenda há uma profusão de lugares. Para Certeau (1994, p.201), "um lugar é a ordem (seja ela qual for) segundo a qual segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência.". Desta forma, "um lugar é por tanto uma configuração instantânea de posições. Implica uma indicação de estabilidade". De forma geral, a fazenda cafeeira estruturava-se em torno de um quadrado funcional ou terreiro, onde eram dispostas a casa de vivenda, as tulhas, os moinhos de pilões, as senzalas. Por vezes, incluídos neste conjunto ou nas proximidades, havia as casas dos administradores e feitores, galinheiros, hortas, estrebarias e olarias. Tanto a qualidade, quanto a quantidade e as dimensões das construções variavam de acordo com as posses de seus proprietários. Habitualmente as casas de vivenda estavam divididas em ala íntima, social e comercial e, em muitos casos, apresentavam-se de forma imponente no qual o terreiro, além da secagem do café, destacava- -a para todo o conjunto da fazenda (Rocha, 2007). De forma semelhante ao panóptico de Bentham (Foucault, 1987), a casa de vivenda proporcionava uma visão abrangente das estruturas e do funcionamento da unidade produtiva. Mas esta comparação não se aplica ao contexto do Vale do Paraíba do Império brasileiro, pois a vigia era parcial dos agentes de produtividade, operando regimes disciplinares similares, mas com diversas características próprias do sistema patriarcal e escravocrata vigente neste período.

Em relação às origens das influências arquitetônicas destas construções, Marquese (2005, p. 12) afirma que "a arquitetura das casas de vivenda rurais que apareceu na terraferma veneziana do século XVI, pretensamente baseada nas villas romanas, foi, portanto, muito mais uma tradição inventada do que uma recuperação

integral e intocada de modelos clássicos", como expressões "do palladianismo e da villegiatura na Itália setentrional", os quais "na segunda metade do século XVII, parece ter havido uma certa leitura de Palladio para o universo dos engenhos na América portuguesa." (p.13). De acordo com tratados de arquitetura deste período, a concepção de villa seria "como uma como uma 'pequena cidade', como um mundo fechado, um lugar onde o gentil-homem poderia ser senhor de si, completamente autônomo no governo de sua família e de seus dependentes". (Marquese, 2005, p. 13.)

Durante a ocupação do Vale do Paraíba, "houve uma nova onda de apropriação do palladianismo pelos senhores de escravos das Américas, relido agora por meio da corrente neoclássica". Desta forma, "essas unidades rurais escravistas foram erigidas articulando de modo estreito as preocupações funcionais com os efeitos simbólicos que pretendiam produzir nos diversos grupos sociais nelas envolvidos – senhores, trabalhadores livres, escravos e comunidade externa à plantation." (Marquese, 2005, p. 14-15). O conjunto estético elaborado principalmente nas grandes fazendas, com seus jardins e alamedas de palmeiras, além da própria estética arquitetônica, reproduziam de certa maneira a imagem do Rio de Janeiro e, desta forma, "a mensagem a se transmitir era a de que a fazenda não representava uma cidade qualquer, mas nada mais nada menos do que a própria Corte Imperial." (Marquese, 2005, p. 51).

Como propriedade das elites aristocráticas, as grandes fazendas operavam como representações do próprio império, como unidades de difusão e consolidação da imagem e da unidade da nação que havia deixado há pouco de ser uma colônia. Neste período, juntamente com os demais seguimentos privilegiados, "ao construir o Estado, portanto, aqueles homens teriam que se defrontar com uma realidade que tentarão ocultar por meio de alegorias, que simbolizavam os seus esforços no sentido de civilizar o País, criando um corpo sólido e político" (Santos, 2007, p. 61), na qual a "organização política do estado nacional deveria corresponder uma produção simbólica que delineasse os contornos da nação e integrasse no mundo civilizado, segundo os parâmetros europeus." (p. 60). Assim, "é este caminho que os intelectuais se constituirão em promotores da civilização, introjetando atitudes antes afeitas ao colonizador. Assumiam assim os construtores do Estado a missão de civilizar, ao

mesmo tempo em que tentavam forjar a Nação". (p. 61). A complexidade de tal implementação deste projeto de Nação, dentre outros aspectos, pela diversidade social e cultural, além da extensão territorial, está presente na percepção de seus idealizadores.

José Bonifácio, que foi uma das figuras fundamentais na implantação do projeto de império, numa carta de 1813 escrevera: "amalgamação muito difícil será a liga de tanto metal heterogêneo, como brancos, mulatos, pretos livres e escravos, índios etc., em um corpo sólido e político." (Santos, 2007, p. 61).

Espaço, Violência e Festa

A paisagem edificada das fazendas predominou na memória que compõe o imaginário relativo ao passado de Vassouras e das demais cidades fundadas em bases rurais e agrárias. Entre preservações, ruínas e relatos, firmou-se como uma "realidade que dura" (HALBWACHS, 2006, 131). Apesar da violência presente na devastação das florestas que ocupavam a região antes da chegada do café, como também na espoliação da força produtiva e da autodeterminação social de sujeitos e coletividades escravizadas, nas fazendas que desbravaram o Vale do Paraíba prevaleceu até este momento a imagem da conquista e da civilização. Mas em seus meandros, além destas grandes fachadas narrativas das fazendas, residiam "memórias subterrâneas" (POLLAK, 1989, p. 6), que mesmo não se opondo diretamente aos regimes de dominação e deixando rastros de silêncios, delinearão marcas intangíveis de resistência. Estas memórias, atuando através dos modos de vidas de seus agentes, ocuparam as frestas e as lacunas constituintes da ordem possibilitando a manifestação de outros espaços.

Há também, provavelmente em todas as culturas, em todas as civilizações, espaços reais – espaços que existem e que são formados na própria fundação da sociedade - que são algo como contra-lugares, espécies de utopias realizadas nas quais todos os outros lugares reais dessa dada cultura podem ser encontrados, e nas quais são, simultaneamente, representados, contestados e invertidos. Este tipo de lugares está fora de todos os lugares, apesar de se poder obviamente apontar a sua posição geográfica na realidade. Devido a estes lugares serem totalmente diferentes de quaisquer outros lugares, que eles refletem e discutem, chamá-los-ei, por contraste às utopias, heterotopias. (FOUCAULT, 1984, p. 80)

Um destes espaços é aquele que se instaura com a festa, que é uma expressão coletiva que está presente na fundação das sociedades, espelhando de forma invertida seus principais atributos, transformando suas temporalidades rotineiras e os sentidos dos lugares constituintes de sua ordem. Nesta comparação com o espelho, para Foucault (1984, p. 82) “o outro lado do espectro estão as heterotopias que estão associadas ao tempo na sua vertente mais fugaz, transitória, passageira. Refiro-me ao que assume o modo do festival. Estas heterotopias não estão orientadas para o eterno; bem pelo contrário, são de uma absoluta cronicidade, são temporais.”

A festa pode ser entendida como um estado de espírito que se manifesta através do regozijo ou celebração e que se expressa através de maneiras características de cada grupo ou sociedade em determinadas circunstâncias. Durkheim (1968 apud Amaral, 1998, p. 25) compara os elementos comuns entre as festas com as cerimônias religiosas, tais como “aproximar os indivíduos, colocar em movimento as massas e suscitar assim um estado de efervescência, às vezes mesmo de delírio, que não é desprovido de parentesco com o estado religioso”. Há um contexto próprio que se forma com “cantos, música, movimentos violentos, danças, procura de excitantes que elevem o nível vital” (p. 25) que conduzem aos excessos que relativizam “o limite que separa o lícito do ilícito” (p. 25), os quais são possíveis de observar, em determinadas circunstâncias, tanto no ambiente profano quanto no religioso.

Para alguns autores, a festa apresenta-se como um momento de ruptura, estendendo, mesmo que momentaneamente, os limites da ordem social. Amaral (1998, p. 37) destaca a definição de Freud, que afirma que “um festival é um excesso permitido, ou melhor, obrigatório, a ruptura solene de uma proibição”. Apesar do caráter de ruptura, a festa está referenciada em aspectos estáveis. Para Rita Amaral (1998, p. 38-39) “toda festa ultrapassa o tempo cotidiano” e realiza-se “de modo extracotidiano, mas precisa selecionar elementos característicos da vida cotidiana”. Dessa forma, extrapolam o cotidiano sem romper os vínculos com ele, constituindo-se de ritos que as identificam, mas que estão permeáveis às modificações.

O aspecto transgressivo da festa é, pois, visto como um reflexo da sua característica fundamental, que é a criação de uma totalidade de relações. Se na festa as separações caem e o caos parece às vezes infiltrar-se no cosmos, não é por que a festa é a negação da ordem, mas porque representa a ordem como totalidade: é pois necessário que dela faça parte também o que na vida

quotidiana é posto de parte como perigoso e recusado como desordem.
(Valeri, 1994, p. 411).

A festa pode simultaneamente reafirmar diferenças e integrar diferentes. No contexto das fazendas do XIX, havia festas que congregavam de formas diferentes seus seguimentos, tais como as festas das colheitas ou as religiosas, onde poderia ocorrer a proximidade física com o distanciamento social (Elias, 2001). Havia também as festas próprias da aristocracia – que em geral ocupavam os salões das alas sociais das casas de vivenda – e os bailes de barraca, os fandangos, os bailes de roça – que podiam ocupar o terreiro e as áreas próximas às senzalas – onde escravos, libertos e colonos de diversas origens se divertiam. O brasileiro Stanley Stein (1990, p. 246) cita o médico francês Louis Couty em 1883, que se refere “àquelas danças curiosas onde o Jongo, a caninha verde ou outras danças especiais são gingadas durante a noite toda por mulatas atraentemente vestidas e sempre limpas”. Neste relato este viajante faz referência a um ambiente festivo, composto por várias práticas culturais, sendo o Jongo de influência marcadamente afro-brasileira, a Caninha Verde de origem portuguesa e as agentes da festa destacadas são mestiças ou “mulatas”.

Outra festa, o caxambu, congregava a dança em roda, a música com percussão de tambores e o canto de desafio denominado jongo, que “expressava bem as reações dos escravos, pois, assim como todos os desafios, o objetivo era ocultar o sentido com as palavras, expressões ou situações com mais de uma interpretação possível.” Desta forma, “era uma oportunidade de se cultivar o comentário irônico, hábil, frequentemente cínico, acerca da sociedade dentro da qual os escravos constituíam um segmento tão importante.” (Stein, 1990, p. 246). Desta forma “ao invés de se enfrentar o inimigo opondo-se uma força a ele, se dobra a própria força que assujeita para constituir uma resistência, criando algo novo, para além de qualquer assujeitamento.” (Gondar, 2005, p.35)

Além das distinções sociais, nas festas existe a potencialidade da eclosão da violência, que não está necessariamente relacionada com a opressão das estruturas da ordem estabelecida, mas com suas consequências na contenção dos impulsos e frustração das aspirações. Katz (1997) observa que a maior recorrência de crimes não se manifesta em ambientes de trabalho, onde pode ocorrer situações de opressão e humilhações, mas principalmente em momentos de descontração. É possível considerar as festas como um dos principais espaços para dar vazão às tensões, e as humilhações e

afrontamentos que ocorrem nestas circunstâncias representam o limite, como se não houvesse mais nenhuma outra instância de convívio e relação que pudessem amenizar tais estados. O crime transcrito abaixo ocorreu em uma festa de Santo Antônio, em uma localidade próxima a Vassouras.

Francisco Jose de Mello, homem branco, solteiro, morador no Curato de Sebollas, natura da Ilha Terceira, que vive de seus negócios, vinte anos. Foi perguntado sobre os costumes, não disse nada. Perguntado pelo auto de devassa, disse que sabe por ouvir dizer e que por voz publica que Luis da Cunha Soares sahira de sua casa distante seis léguas e viera armado com arma de fogo e um estoque matar o juiz de paz o Curato de Sebollas o capitão Joao Manuel Rodrigues Caldas, e que nesta ocasião foi preso isso no dia treze de junho pelas oito horas da noite foram que aquele Luiz da Cunha sempre fora uma homem manso, digo homem que nunca fez mal a ninguém, e eu Luiz vindo da cada de hum amigo ver a fogueira de Santo Antonio foi convidado por um caseiro do Juiz para ir a fazenda onde o prenderam. Mais não disse. (Vassouras, 1832).

No festar coexistem relações ambivalentes de controle, o regozijo e a violência. As práticas festivas não se constituem de atos sem formas ou regras, ainda que estas se oponham ou afrontem à ordem social. Em geral existe a divisão de funções, como as de músicos, cantores e dançantes e, em alguns casos, até uma hierarquia simbólica e festiva, como o “rei” do caxambu, às vezes acompanhado de sua rainha.” (STEIN, 1990, p. 245). As formas de interação destas festas suscitavam um estado de apreensão dos proprietários de terras e representantes do poder público, com a possibilidade da articulação para rebeliões.

Nos regulamentos municipais, primeiro o de 1831 e depois o de 1831, os fazendeiros tentaram restringir tais ocasiões, que eles agrupavam sob o título de “danças e candomblé”, para escravo de uma só fazenda para que o encontro não desse oportunidade a que “organizassem sociedades ocultas, aparentemente religiosas, mas sempre perigosas pela facilidade com que algum negro inteligente poderia utilizá-las para fins sinistros” (Stein, 1990, p. 243)

Por outro lado, estas elites locais também encaravam a festa como um meio para a contenção dos fatores de desagregação da ordem nas fazendas. Ao invés da interdição no campo festivo, a estratégia proposta em *Instruções para a Comissão Permanente nomeada pelos fazendeiros do Município de Vassouras* era a permissão ao divertimento para extravasar as tensões geradas pela opressão do cativo.

Permitir ou mesmo promover divertimentos entre os escravos; privar dos passatempos o homem que trabalha de manhã até a noite, sem nenhuma esperança é barbaridade e falta de calculo. Os africanos são apaixonadíssimos de certos divertimentos: impedi-los é reduzi-los ao desespero, o mais perigoso dos conselheiros. Quem se diverte não conspira. (Braga, 1978, p. 68).

Considerações finais

Em cada contexto situado no tempo e no espaço manifestam-se formas características em lidar com questões fundamentais da condição humana, tais como a busca pela felicidade e o distanciamento do sofrimento, evidenciando sempre a relação com o outro. Na prática, “o que conhecemos como vida é uma aquisição, é uma construção que vai se dar a partir da participação de um semelhante da espécie.” (Farias, 2010, p.49). Nas dinâmicas de interação, tanto os afetos, a violência pelas imposições da ordem e da cultura, como também as relações de poder são inerentes a todos os sujeitos e seguimentos das sociedades, nos quais suas marcas revelam traços dos atributos de períodos e lugares.

Durante o processo de ocupação do Vale do Paraíba, a fazenda representou o empreendimento da modernidade em seu aspecto civilizador, sintetizando o espírito da época em uma trajetória breve, que gerou rastros de uma “riqueza fugaz” (Muniz, 2005). A ocupação como processo civilizador não se restringe aos espaços materiais. É também uma ocupação interna dos sujeitos, nos quais a configuração dos espaços cumpre um papel determinante neste processo. A decadência econômica impôs outras transformações no espaço da fazenda, que, em seu modelo típico na região, não conseguiu realizar a passagem imposta pela modernidade, do ideal de civilização para o ideal de progresso (Azevedo, 2003). No período estudado, Stein (1990, p. 338) sintetizou o que poderia haver em comum entre estas diferentes memórias sobre o passado Vassouras: “A fazenda de café do século XIX foi mais do que uma unidade de produção e um modelo de vida. Aceitando todas as consequências, ela deixou uma marca indelével nas mentes de todos que deixaram o Vale a fim de cumprir seus destinos em outros lugares.”

Provavelmente devido ao deslocamento de ideais, que desfaz e refaz as funções e sentidos dos espaços, onde a aceleração do tempo e ausência dos meios de memória (Nora, 1993) fomentaram a transformação das fazendas cafeeiras em lugares de memória, o modelo produtivo que representavam foi desfeito, tornando-as um espaço heterotópico. Em geral, o que permanece da violência de sua trajetória na imagem do lugar, por vezes se apresenta como margens em relação aos aspectos que são dados a saber de si, tornando-se muitas vezes expressões que se tornaram invisíveis ou latentes, pela naturalização justificada pelos seus propósitos, adequados aos ideais de civilização de cada contexto. Assim, podemos considerar que a preservação através dos processos de patrimonialização também atua na construção das dessas imagens do passado que, com suas ambivalências, buscam estabelecer a forma como se aspira o reconhecimento. Entre os possíveis sentidos atribuídos ao passado, reportando a Certeau, "o memorável é tudo aquilo que se pode sonhar a respeito do lugar." (1994, p. 190).

Bibliografia

- AMARAL, Rita. **Festa à brasileira**: sentidos do festejar no país que "não é sério". 1998. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.
- ARENDR, Hannah. **Sobre a violência**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- AZEVEDO, André Nunes de. **Da Monarquia à República**: um estudo dos conceitos de civilização e progresso na cidade do Rio de Janeiro entre 1868 e 1906. 2003. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.
- BRAGA, Greenhalgh H. Faria [compilação]. **Vassouras**: história, fatos e gente. Rio de Janeiro: Ultra-sed Ed., 1978.
- CÂNDIDO, Antônio. **Os parceiros do Rio Bonito**: um estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. São Paulo: Duas Cidades, 2001.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Alves. Petrópolis-RJ: Vozes, 1994.
- Didi-Huberman, G. 2012. *Quando as imagens tocam o real*. Pós: Belo Horizonte [Online], 2. Disponível: <http://www.macba.es/uploads/20080408/> [Acessado: 7 agosto 2013].
- ELIAS, Norbert. **A sociedade de Corte**. Tradução Pedro Sússekind. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- FARIAS, Francisco Ramos. **Afinal, por que matamos?** Rio de Janeiro: 7 Letras, 2010.
- _____. **Rastros e escombros da violência**: memórias do assassinato. Cadernos de psicanálise, v. 32, nº 36, 2012, 103-124. Disponível em: http://www.cprj.com.br/imagenscadernos/caderno26_pdf/12-RASTROS-E-ESCOMBROS.pdf. Acessado em 15/01/2013.

FOUCAULT, M. **De espaços outros**. Conferência proferida por Michel Foucault no Cercle d'Études Architecturales, em 14 de Março de 1967. (publicado igualmente em *Architecture, Movement, Continuité*, 5, de 1984).

_____. **Vigiar e Punir: O nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na cultura**. Porto Alegre, RS:L&MP, 2011.

GONDAR, J. Memórias, poder e resistência. In: GONDAR, J.; BARRENECHEA, Miguel Angel (Orgs). **Memória e espaço: Trilhas do contemporâneo**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003.

_____. Quatro proposições sobre memória social. In: GONDAR, J.; DODEBEI, Vera (Orgs). **O que é memória social?** Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2005.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice; Editora Revista dos Tribunais, 1990.

KATZ, J. **Le droit de tuer**. Actes de La Recherche em Sciences Sociales, Violence, 120, dec. 1997. Disponível em:

http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/arss_0335-5322_1997_num_120_1_3235. Acessado em: 28/08/2012.

MARQUESE, Rafael de Bivar. Revisitando casas-grandes e senzalas: a arquitetura das plantations escravistas americanas no século XIX. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, São Paulo, v. 14, n. 1, jun. 2006. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-47142006000100002&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 06 jan. 2013.

MUNIZ, Célia Maria Loureiro. **Os donos da terra: um estudo sobre a estrutura fundiária do Vale do Paraíba Fluminense no século XIX**. 1979. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1979.

_____. **Riqueza fugaz: trajetórias e estratégias de famílias de proprietários de terras de Vassouras – 1820-1890**. Tese (Doutorado) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

NORA, Pierre. Entre a memória e a história: os problemas dos lugares. In: **Projeto História: Revista do programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História**, São Paulo: PUC, dez.1993. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/projetohistoria/downloads/revista/PHistoria10.pdf>>. Acesso em: 27 mai. 2009.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: <<http://virtualbib.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/2278>>. Acesso em: 10 out. 2010.

ROCHA, Isabel. **Implantação e distribuição espacial e funcional da agroindústria fluminense, arquitetura do café: 1840-1860**. 2007. Dissertação (Mestrado em Ciências da Arquitetura) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

SANTOS, Afonso Carlos Marques dos. **A invenção do Brasil: ensaios de história e cultura**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.

STEIN, J. Stanley. **Vassouras: um município brasileiro do café, 1850-1900**. Tradução de Vera Bloch Wrobel. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

VALERI, Valério. Festa. In: **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1994. v. 30.

VIANNA JÚNIOR, Hermano Paes. **O baile funk carioca**: festas e estilos de vida metropolitanos. 1987. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1987.

Fonte primária

Documento: Traslado de devassa 1832-102663936005 / CDH-USS